SINTRENSE, 1-TORRIENSE, 1 (4-2 em "cantos")

29/9/67

A PERTINÁCIA DOS SINTRENSES ACABOU POR SER PREMIADA

A primeira jornada da «Taça de Honra» da II Divisão da A. F. L., que ontem se disputou no Campo Eng. Carlos Salema, começa por nos merecer um reparo: a iluminação deficiente. De tal forma que era difícil, a quem se encontrasse nos camarotes, vislumbrar a trajectoria da bola, até porque, e incompreensivelmente, ela era da cor do próprio terreno de jogo. É um pormenor que, julgamos, pode ser remediado com vista á jornada final.

Entremos no jogo propriamente dito.

Arbitro: Fernando de Aragão, de Lisboa.

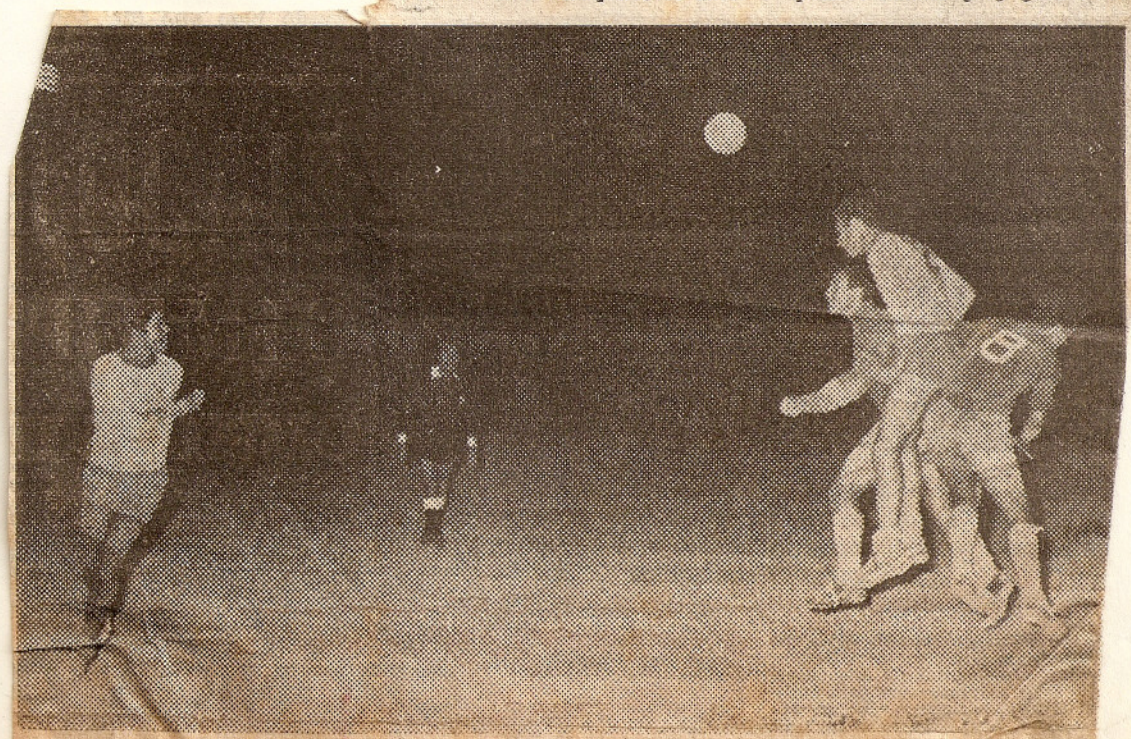
SINTRENSE — Gomes; Pardal I, Vitor, Valente (ex-Covilhã) e Luís Moreira; Mega (ex-Covilhã) e Marques; Gomes Ferreira (ex-Luso), Pardal II, Palma e Marquitos.

TORRIENSE — Jordão; Carimbo, Herminio, Narciso e Alfredo; Bernardes, José Luís e Carlos António; Gois, Serafim e Mendes.

Logo nos primeiros minutos foi notória, por parte de qualquer dos contendores, uma indisciplina táctica que viria a fazer gala durante todo o encontro. No primeiro tempo, e ainda que nunca chegasse a plano de evidencia predominante, o Torriense foi um «onze» mais esclarecido na manobra, mais intuitivo, com melhor técnica individual, dando a sensação de tomar ligeiro ascendente sobre o antagonista. E esse ascendente surgiu apenas porque os três homens do meio-campo do Torriense (Bernardes, José Luís e Carlos António) foram mais lucidos na transposição da bola e mudaram o jogo constantemente, enquanto que da parte do Sintrense, e não obstante Mega pretender enveredar pelo mesmo caminho — lançar ora o extremo-esquerdo, ora o extremo-direito —, viu-se sempre em dificuldades de levar por diante os seus objectivos, já que nem Gomes Ferreira nem Marquitos se encontravam proximo das linhas para receber o esférico em condições de prosseguir com êxito as jogadas. Logicamente, o panorama apresentado pelas duas equipas era diferente: o Torriense mais esclarecido, o Sintrense mais confuso. Sucedia, no entanto, que os homens de Torres Vedras denotavam mais fragilidade do que os seus adversarios.

E seria com esta arma que os sintrenses equilibrariam o jogo, mesmo depois de estarem a perder por 1-0 (golo de Gois aos 13 minutos). Ao melhor discernimento dos «grenats» opunham os «amarelos» essa velocidade e uma defesa bastante sólida, com relevo especial para o guardião Gomes.

Na segunda parte, durante os primeiros minutos, houve a ilusão de que o nível técnico do encontro iria melhorar, visto que o Sintrense começou por fazer precisamente o contrário do que havia feito no primeiro periodo de jogo. Colocou os seus extremos junto ás linhas laterais e ambos foram frequentemente solicitados, obrigando a defesa do Torriense, que na primeira parte formara uma barreira frente á baliza de Jordão, a abrir e permitindo, assim, as infiltrações, que, todavia, só raramente surgiam. Mas foi apenas uma ilusão de minutos. À entrada do segundo quarto de hora deste tempo, tudo estava na mesma, ou talvez pior, na medida em que o Torriense, que na primeira parte tivera as virtudes já apontadas, decaiu bastante. Tentou defender a escassa vantagem de um golo aparecendo a jogar praticamente num sistema de 4 x 2 x 4, enquanto o Sintrense, dentro da mesma toada da primeira parte, era mais acutilante precisamente porque os defesas e meia defesa de Torres Vedras ficavam na sua zona, tentando de quando em vez os lances de contra-ataque, a maioria dos quais anulados pelo guarda-redes



A defesa do Sintrense às voltas com o ataque do Torriense